



Apresentação do dossiê “Escritoras em Língua Portuguesa”

Ana Luísa Vilela
Fabio Mario da Silva
(organização do dossiê)

Uma das mais eficazes, persistentes e universais mistificações operadas pelas histórias da literatura é a afirmação da irrelevância – quando não mesmo da inexistência – das mulheres autoras antes do século XX. Por maioria de razão, parecem totalmente ausentes da cartografia literária instituída as escritoras oriundas dos territórios e ambientes culturais submetidos, até esse século, à colonização europeia. Embora extensível a outros países, esta ausência é mais grave e mais sistemática na história das literaturas em língua portuguesa.

Na verdade, sabemos hoje que para essa metódica ocultação concorreram, entre outros fatores, o reconhecimento da tardia e deficiente escolarização das mulheres na sociedade portuguesa (um reconhecimento que, em larga medida, é todavia invocado sem uma rigorosa referência historiográfica). Associa-se a esse tópico a alegada ilegitimidade do critério “género” para a formação e a validação institucional do cânone. Junta-se aos dois motivos anteriores o caráter algo assistemático da produção literária das mulheres, frequentemente refratária a uma classificação tradicional de temas, correntes e estéticas – e, pelo contrário, fatalmente propícia à projeção de estereótipos associados à construção cultural do feminino. E, por último, mas talvez constituindo o mais importante fator desta sonegação coletiva, deve ser assinalada a omissão estratégica do alcance político-ideológico e do potencial subversivo de que inevitavelmente se revestem muitas das obras de autoria feminina¹.

Por que ponta começar a levantar esse longo, espesso e generalizado “manto de invisibilidade” lançado pela História oficial, em praticamente todas as latitudes e culturas lusófonas, sobre a produção literária das mulheres? Nesse número de uma

¹ Para uma mais cabal informação crítica sobre estes temas, ver, entre outras, as seguintes obras: Rosemarie Buikema e Anneke Smelik (1995), *Women's Studies and Culture: A feminist introduction*, London: Zed Books; Isabel Allegro de Magalhães (1995), *O sexo dos textos: e outras leituras*, Lisboa: Caminho; Chatarina Edfeldt (2006), *Uma história na História: Representações da autoria feminina na história da literatura portuguesa do século XX*, Montijo: Câmara Municipal do Montijo; Anna Klobucka (2009), *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa*, Coimbra: Angelus Novus; Claudia Pazos Alonso e Hilary Owen (2011), *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy And The Politics Of Authorship In 20th-Century Portuguese Women's Writing*, Lewisburg: Bucknell University Press; Vanda Anastácio (2013), *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séc. XVI a XVIII)*, Lisboa: Relógio D'Água; Fabio Mario da Silva (2014), “Notas de Reflexão em torno da escrita das mulheres, antes do século XX, na literatura portuguesa”, *Odisseia*, Natal: UFRN, n. 13, p. 18-29; *A Autoria Feminina na Literatura Portuguesa*, Lisboa: Colibri e Fabio Mario da Silva (org) (2014), *O Feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa*, Lisboa: CLEPUL; Regina Dalcastagnè (2017), “Imagens da mulher na narrativa brasileira”, *O eixo e a roda. Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte: UFMG, vol. 15, p. 127-135.

revista acadêmica afortunadamente intitulada *Todas as Musas*, reunimos um conjunto de estudos críticos sobre escritoras originários de três países de língua portuguesa: o Brasil, Portugal e Moçambique.

É amplo de cinco séculos o arco temporal abrangido por estes ensaios, atentos à contextualização histórica e estético-cultural das obras que analisam: desde os finais do século XVII à contemporaneidade. São também vastos e diversificados os géneros e temários dessas obras de autoria feminina, cultivando os três grandes modos literários: a narrativa, o teatro e lírica.

A pesquisa sobre a produção literária de autoras brasileiras, na sua fecunda diversificação cultural e antropológica, é a mais largamente representada. Pode, aqui, o leitor apreciar um estudo sobre a identidade ameríndia (neste caso, potiguar), como o da autoria de Carlos Augusto de Melo, Laís Cristina Soares e Joel Vieira, no ensaio intitulado “A poética de resistência indígena de Graça Graúna em *Canto Mestizo*”; nesse ensaio, a obra de Graúna é explicitamente perspectivada sob o viés da consolidação das identidades indígenas contemporâneas e da sua luta pela autoafirmação e resistência.

Simetricamente, o presente dossiê documenta uma abordagem das identidades brasileiras em “exiliência”. De fato, juntam-se neste imenso e rizomático mapa literário artigos como, por um lado, “A voz da mulher na literatura afro-brasileira: um olhar sobre o conto «A escrava», de Maria Firmina dos Reis”, da autoria de Carla Kühlewein e Silvana Quintilhanho Rodrigues; na narrativa estudada, se evidencia aquilo que as pesquisadoras identificam como os “traços precursores da literatura afro-brasileira, consolidada a partir de um ato de resistência política e cultural”. E, por outro lado, está também presente a análise das representações autobiográficas de uma individualidade autoral, a de Elisa Lispector, profundamente marcada pela sua origem judaica, na remota Europa Central - objeto de reflexão do artigo “Trauma e testemunho em *No exílio*”, assinado por Patrícia Lopes da Silva e Osmar Pereira Oliva.

A produção feminina especificamente mato-grossense é objeto de dois artigos: num, “A poética de Luciene Carvalho e as contribuições para a literatura brasileira”, Maria Cleunice Fantinati da Silva e Elisabeth Battista traçam uma síntese da obra da acadêmica da escritora contemporânea; noutro, “Vozes mulheres: *A Violeta* e a imprensa feminina mato-grossense”, Tayza Codina de Souza Medeiros Guedes e Dagoberto Rosa de Jesus elucidam a prudência e a sábia modéstia dos projetos timidamente emancipatórios da revista *A violeta* (1916-1950), que caracterizam como um discurso embrionário em defesa do direito das mulheres ao exercício profissional e à escolaridade regular.

No que a Portugal diz respeito, avulta nesse dossiê a valorização crítica da produção dramática de uma autora contemporânea de génio, Natália Correia, que frequentemente se debateu com a censura e a repressão durante a ditadura salazarista (1926-1974). Assim, são aqui abordados dois mitos obsidianos, que estruturam a cultura portuguesa e europeia e que, cada um a seu modo, são desconstruídos pela escritora. “O Sebastianismo em *O Encoberto*, de Natália Correia”, ensaio da autoria de Luiza Oliveira Troczinski e Edson Santos Silva, explora a forma como, nesta obra publicada em 1969 e rapidamente proibida pela censura do regime, Natália opera um remitificação do messianismo sebastianista, usando-o como uma manifestação desviante

da resistência instintiva do coletivo popular à imposição de um poder repressor. A este propósito, recorde-se que, à data da publicação da obra, o relatório de um dos censores a descrevia (aliás com inteira justeza) como um “desenvolvimento em estilo ‘paródia’ de assunto histórico, com não poucas pinceladas pornográficas, à maneira de ‘Natália Correia’, com alusões ao povo português ou a figuras históricas com expressões de chacota e uma clara intenção de ridicularizar”². Já o ensaio “Natália Correia: uma visão singular do mito de Don Juan”, por Maria do Carmo Cardoso Mendes, trata de uma particularíssima versão do mito donjuanesco. Mito literário e teatral por excelência, a figura de Don Juan é, como nos mostra a investigadora, manipulada de modo a sublinhar a prevalência do poder feminino – mesmo que, entre outras associações, esse poder surja nesta peça de Natália reconfigurado pela morte.

Outro tópico tradicionalmente aliado ao feminino tenebroso é o fascínio ominoso pela figura da feiticeira. É esse o *topos* tratado por Carolina Lopes Batista, que analisa um conto pouco conhecido, e de resto desconcertante, de Ana de Castro Osório (famosa sufragista e feminista do início do século XX português), no artigo “O insólito e a questão feminina na novela «A Feiticeira», de Ana de Castro Osório”.

Fechando a parte deste dossiê dedicada à produção literária de autoras portuguesas, é-nos proposta a leitura de uma epopeia sacral, escrita no século XVII por uma freira. O ensaio “Maria de Mesquita Pimentel: poemas sobre a carne de Cristo”, assinado por Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, defende que o livro *Memorial da infância de Cristo e triunfo do divino amor*, manuscrito resgatado e editado recentemente por Fabio Mario da Silva (um dos organizadores do presente dossiê), constitui uma amostra competente da dicção e da poética seiscentista. A epopeia de Soror Maria Pimentel, fundada nos evangelhos canónicos de Mateus e Lucas, e modelada principalmente pel’*Os Lusíadas* e pela lírica camonianiana, transcende, em nossa opinião, os valores documentais, historiográficos, histórico-literários ou doutrinários a que normalmente pode ser associada. Na verdade, cremos inegável a sua importância propriamente estético-literária, razão pela qual secundamos vivamente a opinião da referida ensaísta, quando ela valoriza “a destreza, curiosidade e perícia poética de Maria Pimentel”.

Representada nesse dossiê por apenas um ensaio, a poderosa escrita feminina moçambicana é evocada em “Nuances do feminino nos escritos de Paulina Chiziane”, artigo de autoria de Altamir Botoso. É um reencontro indispensável com a voz discursiva de Paulina Chiziane, através de uma revisão panorâmica do universo romanesco, ensaístico e lírico dessa Sherazade moçambicana, herdeira das contadoras ancestrais de histórias e guardiã dos valores e da dignidade femininos.

Com a revisitação da produção feminina em contexto pós-colonial, pode dizer-se que se atinge o grau mais elevado da *alterização* radical da escrita feminina e, também, da sua função emancipadora. Ligado à continuidade e à preservação da vida, partilhando do ritmo cíclico da natureza e em profunda harmonia com a energia do mundo, o feminino literário convoca o leitor para uma nova ordem lógica. Trata-se de uma ordem não apenas reivindicativa e identitária, mas que mergulha mais

² Cf. <https://www.fnac.pt/O-Encoberto-Natalia-Correia/a939158>

profundamente as suas raízes expressivas na equação pessoal mais íntima, na ontologia humana mais visceral, e no imaginário universal mais livre.